

| Recebido: 20 Mar. 2025 | Aceito: 25 Abr. 2025 | Publicado: 15 Mai. 2025 |

Ecoturismo como Alternativa à Promoção do Desenvolvimento Sustentável e à Qualidade de Vida

Ecotourism as Alternative to Sustainable Development and Life Quality Promotion

*Luciana Lima*¹

 <https://orcid.org/0009-0001-2242-5320>

*Tatianna Dias do Amaral*²

 <https://orcid.org/0009-0002-1162-249X>

*Clarice Lima*³

 <https://orcid.org/0009-0001-2242-5320>

Resumo

O artigo traça um breve panorama da atividade ecoturística e apresenta discussão sobre os conceitos que fundamentam a prática do ecoturismo no Brasil e no mundo. Aponta, igualmente, caminhos para uma abordagem crítica alternativa ao turismo convencional de massa, que esteja alinhada com os princípios da sustentabilidade. O texto explora, ainda, as potências e os desafios do planejamento no ramo e suas correlações com a promoção da qualidade de vida e da justiça social nos territórios em que se estabelece.

Palavras-Chave: Ecoturismo; Desenvolvimento sustentável; Qualidade de vida.

Abstract

This article traces a soon panorama of ecotourism activity and introduces a discussion about the fundamental concepts of ecotourism practices in Brazil and at world level. Points on, equally, the ways to access a critical and alternative approach to the conventional and massive tourism, defending a perspective allied with the sustainability principles. The text explores also the potencial and the challenges of planning in the area and its correlations with

¹ Graduada em Gestão Turística pelo Instituto Federal de Goiás (IFG) e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Analista da Assembleia Legislativa de Goiás, cargo de comunicadora social – jornalista. E-mail: luxlima1983@gmail.com.

² Graduada em Gestão Turística pelo Instituto Federal de Goiás (IFG) e especialista em Docência Universitária pela Faculdade Araguaia. Analista Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás (TJ/GO). E-mail: tatianna.amaral@gmail.com.

³ Doutora em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGeo/UERJ). Coordenadora e pesquisadora do Projeto OPAOMA, vinculado Instituto NEUEN. E-mail: claricecler87@gmail.com.

life quality promotion, as well as the social justice in the territories where it is established on.

Keywords: Ecotourism; Sustainable development; Life quality.

Introdução

Traçamos aqui um perfil do ecoturismo, apresentando um breve descritivo de seu histórico e de seus conceitos e os principais aspectos que o sobreestimam enquanto atividade que tem se apresentado como alternativa viável ao desenvolvimento sustentável e a promoção da qualidade de vida nos territórios onde atua. Essa abordagem está focada na perspectiva de radical rompimento com os conflituosos padrões adotados pelo turismo convencional⁴.

Apesar das controvérsias no que tange ao aspecto conceitual da atividade, sendo apresentado, em alguns exemplos, como uma minoria elitista de amantes da natureza; buscamos destacar o ecoturismo, em seu aspecto mais amplo. Neste sentido, o objetivo é explorar as potencialidades da prática, que vem se consolidando nas últimas décadas, sobretudo no final do século XX, como um modelo de atividade capaz de aliar as necessidades do homem e da sociedade industrial moderna, tais como lazer e desenvolvimento econômico, às preocupações concernentes à conservação do meio ambiente, da cultura e das comunidades locais, elementos dos quais o turismo tradicionalmente faz uso.

Conceitos chaves

O termo ecoturismo, muitas vezes entendido como "turismo sustentável" - além de outras denominações tais como "turismo natural", "turismo inóspito", "turismo de baixo impacto" (Wearing & Neil, 2001, p. 6) -, apesar de sua recente abordagem, que surge em meio ao intrincado quadro de preocupações com a causa ambiental (cujo visibilidade ganha corpo com o crescimento do movimento ambientalista a partir dos anos 1970), encontra suas origens já no decorrer do século XIX, com a criação dos parques nacionais de Yellowstone e Yosemite, nos EUA, bem como o Parque Nacional Real, fundado na Austrália em 1879 (Wearing & Neil, 2001, p. 64 e Ferreti, 2002, p. 116). Assim, podemos ressaltar a sua estreita relação com as áreas de proteção e a importância dessas para a qualidade de vida, sobretudo no meio urbano, onde costuma-se ter uma maior carência de paisagens naturais.

Mas, é somente a partir do momento em que as *hecatombes ambientais*⁵ e outras emergências em saúde pública se avolumam de forma a demonstrar a fragilidade do sistema vigente, obrigando-nos a adotar novos paradigmas, que as discussões acerca do tema passam a ganhar ainda mais força. Assim, o ecoturismo surge desta espécie de 'consciência ambiental', se apresentando como modelo de turismo alternativo ao turismo convencional, de massa, que pressupõe grande impacto às áreas que utiliza.

⁴ Entende-se por turismo convencional ou de massa aquele que não se enquadra nos parâmetros almejados de sustentabilidade, sendo desenvolvido em grande escala, o que acaba por impactar negativamente o ambiente natural, sociocultural e económico das regiões visitadas.

⁵ Termo que se refere ao crescente quadro de destruição ambiental, o que tem contribuído significativamente para a ocorrência das grandes catástrofes ambientais recentemente observadas, especialmente as provocadas pelos quadros de alterações climáticas.

O ecoturismo ressurge como uma atividade econômica do mundo moderno, que pode degradar, mas que pode também, ser uma forma de conservação ambiental; dependendo da forma como for implantado. Daí ser uma atividade que só deve ser realizada com um compromisso com a natureza e com a responsabilidade social (Coriolano, *apud* Dias, 2003).

Como já dito, o ecoturismo representa um seguimento da atividade turística reconhecido como "turismo alternativo", haja vista ser esta uma das formas de turismo cujo enfoque se opõe ao padrão convencional - também denominado de "turismo de massa". Segundo Mieczkowski existem variadas maneiras de se chegar a uma definição do termo "turismo alternativo", dentre as quais podemos destacar a seguinte:

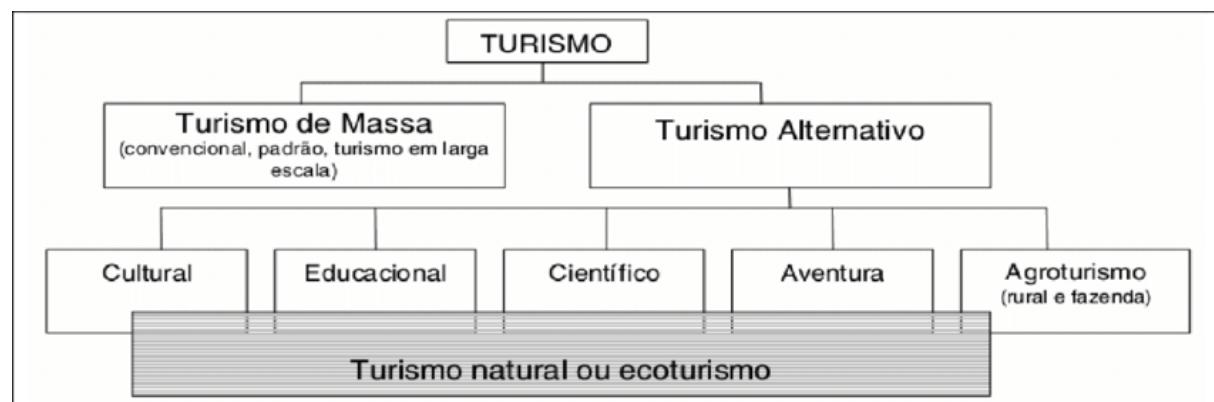
O turismo alternativo pode ser definido como formas de turismo que demonstram ser coerentes com os valores natural, social e comunitário e que permitem que tanto hóspedes quanto hospedeiros quanto hóspedes desfrutem uma interação positiva e conveniente, e compartilhem experiências (...) pode ser geralmente descrito como um turismo interpretativo, de mínimo impacto, discreto, em que se busca a conservação, o entendimento e a apreciação do meio ambiente e das culturas visitadas (Mieczkowski, *apud*, Wearing & Neil, 2001, p. 4-5).

O autor nos apresenta um organograma para melhor ilustrar a relação existente entre o turismo convencional, o alternativo e o ecoturismo, o qual se encontra integralmente transcrito na Figura 1, logo adiante.

No entanto, a utilização do termo ecoturismo, bem como sua primeira definição formal, é creditada ao arquiteto mexicano Hector Ceballos-Lascurain⁶, que em 1983, fez a seguinte afirmação:

O ecoturismo é aquela modalidade do turismo que consiste em viajar para áreas naturais relativamente pouco perturbadas com o objetivo específico de admirar, desfrutar e estudar sua paisagem, sua flora e fauna silvestre, assim como as manifestações culturais - passadas e presentes - que ali se possa encontrar (Ceballos-Lascurain 2002 p. 5).

Figura 1: O turismo alternativo



Fonte: Mieczkowski *apud* Wearing & Neil, 2001, p. 5.

⁶ Hector Ceballos-Lascurain, arquiteto e especialista em planejamento turístico, é hoje uma das principais referências internacionais em turismo sustentável.

Outra definição importante de se destacar nos é apresentada pela Embratur/Ibama, que afirma ser o ecoturismo:

Um seguimento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (MICT/MMA, 1994).

Vale destacar, neste momento, que o documento que deu vazão à definição apresentada acima, teve como objetivo principal nortear as bases para a elaboração de uma Política Nacional de Ecoturismo que fosse capaz de congregar, dentre outros aspectos: o bem-estar e desenvolvimento das comunidades envolvidas, a preservação dos recursos naturais, a geração de riquezas e empregos ao país e a oportunidade de intercâmbio entre as nações - com intuito de conhecimento e uso dos diversos ecossistemas mundiais por parte das gerações presentes e futuras.

Tal documento, intitulado Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (MICT/MMA, 1994), apresentou nove estratégias de ação consideradas necessárias para o bom desenvolvimento do setor, quais sejam: a regulamentação da atividade, a articulação interinstitucional, o treinamento de recursos humanos, a avaliação da qualidade dos produtos oferecidos, a organização de informação e serviços prestados, a promoção ao desenvolvimento da atividade, a implantação de infraestrutura adequada, a sensibilização e educação do turista e, por fim, a inserção participativa da comunidade nas etapas do processo. A matéria encontra-se em tramitação na Câmara Federal, mediante o projeto de lei 868/11, do deputado Giovani Cherini (PDT/RS).

Igualmente passível de observação, no que tange ainda à conceituação de ecoturismo, é o aspecto referente à etimologia do termo em questão, que se materializa a partir de dois parâmetros distintos de definição. O primeiro refere-se ao conceito de turismo, baseado na definição da Organização Mundial do Trabalho (OMT), que "corresponde às atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros" (Sancho, *apud*, Dias, 2003, p. 11).

O segundo aspecto refere-se à ideia subentendida pelo prefixo *eco* que nos remete ao conceito do termo "ecológico", derivado do grego *oikos* que significa casa ou habitat (Wearing & Neil, 2001, p. XVII). Considerando a definição apresentada pelo Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, a palavra ecologia denota, por sua vez:

Ecologia. 2. Ramo das ciências humanas que estuda a estrutura e o desenvolvimento das comunidades humanas em suas relações com o meio ambiente e sua consequente adaptação a ele, assim como novos aspectos que os processos tecnológicos ou os sistemas de organização social possam acarretar para as condições de vida do homem (Holanda, 1986, p. 617).

Assim, a partir da análise etimológica traçada, o que obtemos é a evidente confirmação dos conceitos anteriormente propostos. Há, no que se pode observar, diversas acepções para a palavra ecoturismo, mas, de uma forma geral, podemos apreender destas considerações o fato da atividade

ecoturística estar pautada no tripé conservação ambiental, preservação das culturas e comunidades locais e desenvolvimento econômico destas localidades - elementos ressaltados por vários autores como Serrano & Bruhns (2001), Dias (2003) e outros.

Perfil da atividade

É a partir destes pressupostos, que diversos estudiosos, gestores e planejadores passam a priorizar a questão, visto ser o turismo uma importante fonte de captação de recursos e geração de renda, sobretudo para países em desenvolvimento e com significativa biodiversidade, como o Brasil. Estamos falando de um setor que movimenta atualmente, a nível mundial, cerca de US\$ 3,4 trilhões, empregando, em média, 212 milhões de pessoas (Ferretti, 2002, p. 105). Por essas razões, o seguimento chegou a ser considerado por Ceballos-Lascurain como “a indústria civil mais importante do mundo” (Lindberg & Hawkins, 2002, p. 25).

No que tange à realidade brasileira, pesquisas mais recentes revelam que o mercado do turismo movimentou R\$ 9,8 bilhões. Veja o que diz matéria sobre o assunto divulgado na página oficial do Ministério do Turismo:

Em relação à motivação das viagens à lazer, em 2021, destinos de sol e praia perderam espaço para destinos de natureza, ecoturismo ou aventura, que são apontadas também como tendência para o cenário pós-pandemia. No ano passado, 48,7% destas viagens foram motivadas pela busca de destinos de sol e praia, enquanto em 2020 este percentual havia sido de 55,6%. Já em relação ao turismo de natureza, em 2021, a modalidade alcançou a preferência de 25,6% dos viajantes – índice superior ao registrado em 2020 (20,5%)⁷.

Tamanho desempenho estatístico já vinha sendo desde o início do século, com pesquisas apontando índice de crescimento anual do segmento variando entre os percentuais de 10 a 20%, conforme mostrado em diversos estudos realizados com empresários e instituições do ramo (Mitraud, 2003). Segundo Ferretti (2002, p. 119), o interesse pela atividade ecoturística no mundo tem se mostrado crescente, chegando a atingir a casa dos bilhões de dólares anuais. A observação dos dados leva a autora a seguinte ponderação: “o principal desafio do ecoturismo é acertar o equilíbrio entre a conservação e o turismo”.

Voltando novamente o olhar para a realidade brasileira, não podemos deixar de considerar o latente potencial ecoturístico nacional. Há de se observar, neste sentido, o fato de que, ao longo de seus 8.511.596,3 km² de extensão, o nosso país abriga uma gama extremamente diversificada de ecossistemas, indo desde áreas equatoriais ao norte a regiões extratropicais ao sul, apresentando, desta forma, uma fantástica diversidade ecológica, que responde pelo montante de 10 a 20% do total de espécies do mundo. Este patrimônio extraordinário é responsável por abranger cerca de 22% da flora, 10% dos anfíbios e mamíferos e 17% das aves do planeta (Diretrizes para uma Política Nacional de

⁷ A informação consta em matéria intitulada “Brasil registra 12,3 milhões de viagens em 2021, com R\$ 9,8 bilhões injetados na economia”, de autoria da jornalista Amanda Costa e divulgada pelo Ministério do Turismo em 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/brasil-registra-12-3-milhoes-de-viagens-em-2021-com-r-9-8-bilhoes-injetados-na-economia>. Link acessado em 29 de setembro de 2024.

Ecoturismo, MICT/MMA, 1994, p. 14).⁷

É importante ressaltar, no entanto, que a lógica que se aplica à afirmação de que toda atividade ecoturística tem suas bases orientadas nos valores da natureza não deve, todavia, ser aplicada para se considerar toda espécie de turismo em áreas naturais como sendo sinônimo de ecoturismo, pois, diferentemente de outros tipos de viagens em que a natureza aparece apenas como estampado ou pano de fundo para o lazer e a recreação do turista, o ecoturismo tem, por sua vez, o meio ambiente como atração primordial (Wearing & Neil, 2001, p. 7).

Mas o ecoturismo - ainda segundo considerações dos autores acima citados, bem como de muitos outros, incluindo brasileiros - não se resume apenas à atratividade do ambiente natural; ele carrega em seu bojo as preocupações com relação ao desgaste ambiental, ao conflito sócio-cultural com as comunidades anfitriãs, bem como, o imperativo que se impõe quanto ao estabelecimento de uma gestão qualificada para a atividade e que se mostre condizente com os principios consagrados de sustentabilidade.

Eis a ocupação fundamental da qual se deve valer a atividade ecoturística: o desenvolvimento sustentável. E, em se tratando desse tema, mostra-se relevante tecer aqui um breve apontamento a respeito. É importante considerar, neste sentido, que o conceito de desenvolvimento sustentável se apresenta como sendo aquele responsável por buscar vincular as preocupações concernentes ao desenvolvimento econômico e a estabilidade ambiental, visando, assim, conciliar o bem-estar das gerações presentes sem que haja, no entanto, comprometimento com relação ao bem-estar das gerações futuras (Dias, 2003, p. 44; Wearing & Neil, 2001, p. 9)⁸.

Nesse caso, o ecoturismo, tal como fora concebido nas referências acima, constitui um importante elo para se alcançar a sustentabilidade. Faz-se necessário, agora, destacarmos os principais aspectos da atividade, demarcando um paralelo entre suas formas mais consagradas e seus principais desafios enquanto ferramenta de promoção ao desenvolvimento sustentável.

Apesar de todo o discurso criado a respeito do potencial sustentável da atividade ecoturística, há que se considerar, em sua análise, o fato de o segmento também apresentar certas carências que constituem verdadeiros desafios. Sem dúvida, nos dias de hoje, uma das preocupações que mais se teme, no que concerne ao planejamento ecoturístico, é o fato de que a atividade venha a se acolher na arena do lobby conservacionista terminando, assim, por servir aos apelos meramente econômicos.

Neste sentido, um dos paradigmas que se impõe ao desenvolvimento do ecoturismo mostra-se simples e objetivo: sendo a natureza apresentada como a matéria-prima fundamental para o ecoturismo, a conservação do meio ambiente torna-se, no entanto, fator imprescindível para a continuidade das atividades no ramo⁹. Assim, com a não observância dos aspectos conservacionistas, a prosperidade daquele outrora referido como turismo responsável estará, certamente, fadada ao insucesso.

⁸ Conceito abstruído do relatório publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em de 1987, sobre meio ambiente e desenvolvimento, intitulado “Nosso futuro Comum” (relatório de Brundtland).

⁹ Para efeitos de definição do termo meio ambiente adotaremos o conceito apresentado por Ferretti (2002, p. 49), no qual o pressupõe como conjunto composto pelo meio natural e pelos aspectos socioculturais e econômicos.

Potencialidades e desafios

Considerando tais apontamentos, mostra-se fundamental para o sucesso do ecoturismo que, antes de qualquer forma de engajamento, tomemos conhecimento das questões mais evidentes que circundam a atividade em voga, tecendo, neste sentido, um diagnóstico da mesma, por meio do qual poderemos observar suas principais vantagens, bem como suas principais carências em relação aos seus anseios pela sustentabilidade.

Partindo do princípio de que as atividades turísticas, de uma forma geral, podem provocar tanto impactos negativos quanto positivos no ambiente, pautaremos nossa análise na dicotomia estabelecida entre os potenciais benefícios a serem contemplados pela atividade e os principais entraves gerados na real implantação da mesma. Iniciaremos, então, o diagnóstico proposto abordando os argumentos mais significativos no que tange as potencialidades consagradas do ecoturismo como atividade fomentadora da sustentabilidade.

Um dos maiores destaques do ecoturismo - inserido na própria definição do termo, apresentada nos primeiros parágrafos deste capítulo - é a possibilidade latente de conservação que o mesmo apresenta, estando esta pautada no propósito já mencionado de que, por ser o meio ambiente o carro-chefe da atividade, a preocupação com relação à mitigação dos impactos faz-se não somente necessária para melhoria da qualidade de vida, como primordial para a própria existência do ecoturismo.

A atividade contribui para a promoção da qualidade de vida à medida que proporciona momentos de lazer ao ar livre, sendo este um dos passos preconizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS)¹⁰. Pesquisas comprovam, por exemplo, como o contato com a natureza, que a experiência do ecoturismo proporciona, contribuem para a melhoria dos estados de ânimo e humor, bem como outros índices de saúde, como a melhoria das funções cardiorrespiratórias e das funções cognitivas, a diminuição da pressão arterial, a redução dos hormônios associados ao estresse, dentre outros aspectos.

O ambiente natural afeta o bem-estar individual e coletivo. Essa conexão se refere ao grau com o qual indivíduos incluem natureza como parte da sua identidade e criam laços de pertencimento com o mundo natural. Um estudo conduzido por pesquisadores da Universidade de Griffith, na Austrália (2019) estima em 6 trilhões de dólares por ano o valor econômico das áreas protegidas globais derivado da melhoria na saúde mental dos seus visitantes. Esse montante é duas ou três vezes o valor que as agências ambientais investem na proteção dessas áreas (WWF, 2022)¹¹.

Assim, além dos impactos positivos alcançados na saúde e bem-estar físico e mental, a níveis individuais e coletivos, outros aspectos igualmente relevantes, no que diz respeito aos benefícios do ecoturismo, estão relacionados, de modo geral, a questões como: conservação do meio ambiente, educação ambiental e desenvolvimento político-social, devido a fatores como geração de emprego e

¹⁰ A informação consta em matéria intitulada “Qualidade de vida em cinco passos”, divulgada na página da Biblioteca Virtual de Saúde do Ministério da Saúde. Disponível em: [Qualidade de vida em cinco passos | Biblioteca Virtual em Saúde MS \(saude.gov.br\)](https://bvsms.saude.gov.br/bvsms/index.php?area=5&menu=1). Acessado em 01 de outubro de 2024.

¹¹ Nota técnica da ONG ambientalista WWF intitulada “O que as florestas e o desmatamento têm a ver com a nossa saúde”, divulgada na página do instituto em junho de 2022. Disponível: [wwf_notatecnica_saude_2022_v6.pdf \(panda.org\)](https://www.panda.org/wwf/notatecnica_saude_2022_v6.pdf). Acessada em 01 de outubro de 2024.

renda. Além disso, podemos acrescentar ainda a preocupação com relação à qualidade da experiência do turista. Segundo Boo, parte considerável dos ecoturistas está sedenta por se engajar nos propósitos da sustentabilidade. A este respeito a autora afirma: “a maioria das pessoas está ansiosa por contribuir para a conservação das áreas que visitam. As pessoas querem participar mais da conservação quando viajam” (BOO, 2002, p. 35).

No entanto, o primeiro aspecto que precisamos levar em consideração é o fato de que estamos inseridos em uma economia de mercado, da qual dificilmente conseguiremos nos desvincilar. Neste sentido, devemos pensar o ecoturismo de forma crítica, mas não idealista. Considerando a materialidade concreta da realidade que circunda o tema em análise, o ecoturismo não deve ser tomado como uma atividade capaz de necessariamente romper com o modelo (capitalista) instituído. O que se sugere levar em conta é principalmente o seu potencial enquanto práxis alternativa viável, percebida como um importante contraponto ao padrão hegemônico e predatório de desenvolvimento econômico, que há muito vem dando sinais de esgotamento.

Fatores outrora mencionados, tais como geração de empregos e divisas e a capacidade de incentivar o crescimento regional dos países, sobretudo, daqueles menos favorecidos economicamente, têm se destacado dentro da referida potencialidade da atividade. Além disso, é importante considerar também o potencial efeito “multiplicador” do turismo, levando em conta o fato de que as despesas na área proporcionem resultado significativo em todos os planos e esferas da economia local, capaz de favorecer o desenvolvimento de infraestruturas e projetos comunitários que apresentem conformidade, obviamente, com os objetivos de conservação e sustentabilidade (Wearing & Neil, 2001, p. 34).

Dias apresenta seis contribuições do turismo para a conservação do meio ambiente. A primeira faz referência aos subsídios de cunho financeiro que demandam da atividade turística, as quais o autor qualificou como: “contribuições diretas”, que representam as arrecadações obtidas diretamente das transações da atividade; e “as indiretas”, obtidas de fontes governamentais (como impostos, por exemplo). A segunda refere-se ao aprimoramento do planejamento e da gestão ambiental, promovendo o desenvolvimento por meio do estudo dos recursos ambientais da área, fator facilitador para a tomada de decisão entre opiniões de uso conflitante (Dias, 2003, p. 97-100).

Os demais aspectos referem-se a questões como: aumento da consciência ambiental, devido aos propósitos da atividade com relação a maior proximidade com a natureza; proteção e conservação; geração de empregos alternativos aos convencionais, capazes de inserir em suas atividades as preocupações com as causas ambientais; e o estabelecimento de medidas de controle, estipulados de modo a compatibilizar a capacidade suporte do meio com a demanda ecoturística.

Ferretti também lança mão das vantagens da atividade ressaltando o seguinte ponto de vista:

O lucro gerado pelo setor ecoturístico poderá auxiliar em alguns problemas crônicos, como a falta de dinheiro e mão de obra especializada para manter as unidades de conservação. A pobreza poderá ser minimizada se a população do núcleo receptor for envolvida na atividade ecoturística (Ferretti, 2002, p. 122).

Assim, dando continuidade ao diagnóstico da atividade ecoturística, consideremos a partir de agora os principais problemas que tem minado os projetos de sustentabilidade do ecoturismo. Abaixo serão enumerados os principais pontos de tensão encontrados no exercício de tais projetos, como forma de melhor elucidar o complexo quadro de questões que circundam o tema em análise.

Ferretti (*op. cit.*) agrupa os conflitos gerados pelo ecoturismo em três categorias distintas, quais sejam: os que recaem sobre o ambiente natural, que implicam em alterações nas formas geológicas (transformadas em matérias-primas para artesanatos), na vegetação natural (desmatamentos para implantação de trilhas e infraestrutura turística, levando a erosão, compactação e diminuição da fertilidade do solo), na qualidade do ar (trânsito intensivo de veículos poluentes nas altas temporadas) e da água (uso recreativo indiscriminado, com grande deposição de lixo e outras substâncias que alteram a qualidade e vitalidade do meio aquático) e na vida silvestre (favorecimento de práticas predatórias); sobre o ambiente construído, pela adulteração de monumentos, sítios arqueológicos, cidades e construções históricas (para servir de suporte a infraestrutura turística); e sobre o espaço sociocultural, agravando problemas como a prostituição, criminalidade (tráfico e violência) e o processo de mercantilização da cultura.

Além disso, a autora ainda apresenta quatro causas que contribuem de forma decisiva para o agravamento desses impactos: a desigualdade social, a má administração pública e a população local. Sintetizando tal ponto de vista, podemos destacar dois aspectos marcantes referentes a este assunto: de um lado, a inabilidade do governo em tomar decisões eficientes e, do outro, a população local, afigida por uma realidade de severos contrastes sociais. Segundo Ferretti (*op.cit.*), a soma destes fatores apenas serve para adiar, cada dia mais, as chances de equacionamento dos problemas apresentados.

Outros autores também chegam a considerar tais abordagens (Dias, 2003; Lindberg & Hawkins, 2002; Wearing & Neil, 2001), apresentando diversos pontos conflitantes no exercício do ecoturismo. Uma problemática bastante recorrente, além das já apresentadas, diz respeito às improbidades provenientes, sobretudo, da má administração da atividade, sendo esta concretizada por equipes que, na maioria das vezes, não apresentam qualquer espécie de qualificação para a gestão da mesma. Tal carência se reflete, no entanto, segundo afirma Matteucci, a falta de manejo adequado para o uso de certos ecossistemas considerados de extrema fragilidade, que acabam por ser profundamente ameaçados pela pressão decorrente da grande demanda de visitantes nestes ambientes (Matteucci, 2003, p. 26).

Para Ceballos-Lascuráin e outros fatores que vem a contribuir expressivamente para a lista de desgaste ambiental provocados pela atividade ecoturística correspondem às questões referentes à superpopulação, ao desenvolvimento desordenado, a falta de regulamentação das atividades recreativas, a já citada poluição e o uso crescente de veículos em ambientes ecologicamente sensíveis. Tais fatores tem acarretado preocupações proporcionalmente maiores do que aquelas provocadas pelo turismo de massa, dada a fragilidade das áreas das quais o ecoturismo tem constantemente se apropriado (Ceballos-Lascuráin, 2002, p. 27).

Um aspecto fundamental no que tange a abordagem dos problemas do ecoturismo é o que diz respeito aos setores responsáveis pela gestão da atividade, bem como as políticas de planejamento e

manejo por eles apresentadas. E, não há dúvidas de que a esfera governamental possa desempenhar papel preponderante neste sentido. Isto porque, é facultada ao governo a competência de proporcionar uma gestão em longo prazo, por meio de instrumentos legais e jurídicos que garantam a necessária proteção das áreas naturais, bem como a adequada regulamentação ao desenvolvimento responsável do ecoturismo. Há de se reconhecer, neste contexto, que a falta de pessoal qualificado aliada à escassez de recursos, são questões que tem intimidado, significativamente, o sucesso do ecoturismo. E não há dúvidas de que esta realidade venha a incidir, principalmente, sobre os países em desenvolvimento.

Assim, dentre as principais políticas a serem adotadas pelos governos para a promoção da sustentabilidade da atividade ecoturística destacam-se: legislação apropriada, regulamentação capaz de promover, dentre outros aspectos, a arrecadação de tributos e redistribuição de renda; medidas de controle e fiscalização; gestão de políticas e projetos; melhoria da infra-estrutura e programas de incentivos locais; e planejamento e fomento a programas integrados de políticas e legislações federais, estaduais e municipais, em articulação com o setor privado - que inclui a indústria do turismo - e as organizações não-governamentais. (Wearing & Neil, 2001, p. 38-43).

Ainda no que tange aos problemas da atividade ecoturística, não podemos deixar de abordar as questões referentes ao fato de que, muitas vezes, tal análise tem ignorado a influência da atividade sobre a cultura, considerando apenas seus impactos sobre o ambiente natural. Quanto a isso Matteucci faz a seguinte observação, em alusão à realidade brasileira:

As questões maiores de impactos promovidos pelo ecoturismo desconhecem a pressão sobre a cultura, sendo consideradas tão somente em favor do patrimônio natural. Esse fato se explica por não haver, em nosso país, a devida valorização da arte popular e genuína, que caracteriza a personalidade cultural brasileira. Seu folclore é pouco reproduzido e divulgado. O Brasil é o país do futebol e carnaval apenas. Mas é justamente a cultura popular, suas diversas manifestações, juntamente com as características naturais de excepcional beleza que atraem o ecoturista a determinada localidade(...) A cultura é também o diferencial no momento da escolha entre tantos ecossistemas naturais ímpares existentes, em especial no Brasil (Matteucci, 2003, p. 27).

Dias, por sua vez, faz sua análise valendo-se de dois pontos correlatos: além de fazer alusões aos impactos do ecoturismo nos ambientes naturais e socioculturais, tece também considerações a respeito de como os impactos ambientais, a exemplos de desastres naturais e mudanças climáticas, afetam a atividade, mostrando assim a interdependência de ambos os aspectos (Dias, 2003, p. 96).

Em observância aos aspectos acima relatados, finalizamos a discussão a respeito das tensões geradas pelo ecoturismo ponderando que, apesar da diversidade de abordagens em relação aos problemas gerados por modelos inadequados de planejamento ecoturístico, é consensual entre os estudiosos do tema, o fato de que, não há como se obter sucesso com atividade, se antes não for estabelecida uma fiel articulação e coexistência entre as partes interessadas, quais sejam: comunidade, iniciativa privada, administração local e organizações não-governamentais.

Antes de finalizar a presente discussão e, com o intuito de melhor elucidar e amarrar os aspectos gerais abordados, acrescentamos a avaliação fornecida por J. Swarbrook a respeito do turismo sustentável. O autor, citado por Ferretti (*op. cit.*), enumera os principais focos de interesse para a correta

avaliação da atividade, a saber: 1) preocupação como as políticas e práticas conservacionistas, que englobam o universo das paisagens interioranas, urbanas e da vida selvagem; as políticas de custeio, legislação e planejamento estabelecidas pela esfera pública de governo; as questões referentes à indústria do turismo, tais como, regulamentações do setor, códigos e práticas, relacionamento com a comunidade local, políticas de emprego e iniciativas relacionadas ao turismo sustentável; e a percepção com relação aos anseios e comportamento dos turistas.

Estes quatro aspectos somados apresentam, para os autores mencionados, uma intima relação com as causas da sustentabilidade na atividade ecoturística. Ferretti (*op. cit.*) ainda expõe, logo em seguida a estas considerações, um quadro que visa evidenciar os contrastes estabelecidos entre o turismo sustentável e o não-sustentável, o qual fora integralmente transferido a seguir, a fim de bem ilustrar as principais diferenças entre ambos:

Figura 2: Desenvolvimento do Turismo Sustentável versus Não-Sustentável.

SUSTENTÁVEL	NÃO-SUSTENTÁVEL
Conceitos gerais	
<ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento lento e controlado• Escala adequada• Longo prazo• Qualitativo• Controle local	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento rápido e descontrolado• Escala inadequada• Curto prazo• Quantitativo• Controle remoto
Estratégia de Desenvolvimento	
<ul style="list-style-type: none">• Planejamento, com posterior desenvolvimento• Esquemas baseados em conceitos• Preocupado com as paisagens• Pressão e benefícios difusos• Promotores de desenvolvimento locais• Moradores locais empregados• Arquitetura nativa	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento sem planejamento• Esquemas baseados em projetos• Concentrado nas “sensações do momento”• Capacidade de crescimento• Promotores de desenvolvimento no exterior• Força de trabalho importada• Arquitetura de outros tipos
Comportamento do Turista	
<ul style="list-style-type: none">• Pouca valorização• Algun preparo mental• Aprende a língua local• Fala baixo• Repete as visitas	<ul style="list-style-type: none">• Alta valorização• Pouco ou nenhum preparo mental• Não aprende a língua local• É energético e insensível• Fala alto• Improvável que volte

Fonte: Autores, 2025.

Considerações finais

Em resumo, é importante que, ao tecermos uma análise da atividade ecoturística, a primeira questão a ser ter em mente seja a preocupação com as máximas da sustentabilidade. Para obtermos sucesso neste sentido, devemos sempre antes de qualquer iniciativa levantar as principais questões envolvidas, para que a partir de então possamos estabelecer as estruturas de implantação e manutenção

adequadas (Ferretti, 2002, p. 58).

Vimos, assim, que o ecoturismo, tal como qualquer outra atividade econômica, apresenta aspectos positivos e negativos. O problema, neste primeiro movimento, reside menos no fato de a atividade ecoturística se desenvolver como um produto de mercado, mas principalmente, em saber como trabalhar suas potencialidades de modo a reduzir os impactos deste modelo econômico (e quiçá com isso construir as bases de uma consciência crítica que fundamente uma práxis capaz de promover a superação das contradições socioculturais presentes no paradigma hegemônico).

No que se refere a este assunto, Boo conclui que “nossa tarefa, hoje, é procurar os pontos em comum entre o ecoturismo, a conservação e o desenvolvimento, e encontrar formas de minimizar os custos e maximizar os benefícios” (BOO, 2002, p. 34) . Esta ideia é complementada por Wearing e Neil ao retomar considerações de Mieczkowski: “a sustentabilidade da prática do ecoturismo será possível se o planejamento equilibrar as demandas do desenvolvimento com as ofertas do meio ambiente, procurando administrar os possíveis benefícios atuais e futuros” (Wearing & Neil, 2001, p. 38).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- BOO, Elizabeth. O planejamento ecoturístico para áreas protegidas. In: LINDBERG, Kreg & HAWKINS, Donald E (orgs.). **Ecoturismo: um guia para planeamento e gestão**. 4^a ed. São Paulo: Senac, 2002.
- BRASIL, Ministério da Saúde. “**Qualidade de vida em cinco passos**”. Brasília: Biblioteca Virtual de Saúde do Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: [Qualidade de vida em cinco passos | Biblioteca Virtual em Saúde MS \(saude.gov.br\)](https://www.saude.gov.br/qualidade-de-vida-em-cinco-passos). Acessado em 01 de outubro de 2024.
- BRASIL. Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo. Brasília: MICT/MMA, 1994.
- BRUNDTLAND, Gro Harlem (org.). “**Nosso Futuro Comum (Relatório de Brundtland)**”. Noruega: ONU, Comissão Mundial sobre Meio Ambiente, 1987.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, Héctor. O ecoturismo como fenômeno mundial. In: LINDBERG, Kreg & HAWKINS, Donald E (orgs.). **Ecoturismo: um guia para planeamento e gestão**. 4^a ed. São Paulo: Senac, 2002.
- CHERINI, Giovani. **Dispõe sobre a criação de política de desenvolvimento do ecoturismo e do turismo sustentável em âmbito nacional, e dá outras providências** (projeto de lei 868/11). Brasília: Câmara dos Deputados, 2011. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=496885>. Acessado em 27 de março de 2025.
- COSTA, Amanda. “**Brasil registra 12,3 milhões de viagens em 2021, com R\$ 9,8 bilhões injetados na economia**”. Brasília: Ministério do Turismo, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/brasil-registra-12-3-milhoes-de-viagens-em-2021-com-r-9-8-bilhoes-injetados-na-economia>. Link acessado em 29 de setembro de 2024.

DIAS, Reinaldo. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.

FERRETTI, Eliane Regina. **Turismo e meio ambiente: uma abordagem integrada**. São Paulo: Roca, 2002.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 1986.

LINDBERG, Kreg & HAWKINS, Donald E (orgs.). **Ecoturismo: um guia para planeamento e gestão**. 4^a ed. São Paulo: Senac, 2002.

MATTEUCCI, Magda Beatriz de Almeida. Ecoturismo em Goiás. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.

MITRAUD, Sylvia (org.). **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: WWF Brasil, 2003.

SERRANO, Célia Maria de Toledo ; BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção turismo).

WEARING, Stephen & NEIL, John. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. São Paulo: Manole, 2001.

WWF Brasil. **“O que as florestas e o desmatamento têm a ver com a nossa saúde”** (nota técnica). Brasília: WWF Brasil, 2022. Disponível: [wwf_notatecnica_saude_2022_v6.pdf \(panda.org\)](https://www.panda.org/wwf/notatecnica_saude_2022_v6.pdf). Acessada em 01 de outubro de 2024.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.